

SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO: O LEITOR E A LEITURA A PARTIR DE INTERPRETAÇÃO E SUPERINTERPRETAÇÃO

Wéllia Pimentel Santos¹

“Ler é ir ao encontro de algo que está para ser e ninguém sabe ainda o que será.” (CALVINO, 1979:78).

RESUMO::

O presente artigo se constitui numa leitura do romance. *Se um viajante numa noite de inverno*, obra publicada originalmente na Itália em 1979, por Ítalo Calvino, à luz do referencial teórico proposto pelo semiólogo Umberto Eco, especialmente a partir de sua obra *Interpretação e Superinterpretação* (ECO, 2001). Partindo do pressuposto de que a construção narrativa do “hiper-romance” de Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno* (1999), pode ser aproximada à teoria defendida por Eco, o ponto de contato principal entre esses autores aparentemente tão distintos está no fato de que ambos dedicaram-se a pensar, de modo incisivo, a questão da interpretação do texto literário. Assim sendo, o processo inovador da confecção do romance de Calvino foi um atrativo para um estudo mais aprofundado da obra a partir de uma perspectiva crítica de análise e interpretação dos textos destacados.

Palavras-chave: Interpretação; Superinterpretação; Autor; Leitor; Texto.

Introdução

O que motivou a pesquisa inicial do trabalho, a qual resultou na escrita deste artigo, foi um interesse especial pelo romance de Ítalo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno* (CALVINO, 1979), e, especialmente, também a busca da compreensão de um conceito de “interpretação do texto literário”, a partir de alguns textos de Umberto Eco autor, nos quais o autor nos interroga sobre as possibilidades e limites interpretativos das obras de ficção.

O trabalho surgiu da ideia de questionarmos os fatores que validam a interpretação de um texto literário, partindo-se de pontos tais como: a importância do contexto em que a obra é inserida, a ligação do texto com outras formas de cultura, outros textos e manifestações de arte da época do autor, a necessidade de reflexão sobre uma interpretação baseada no vínculo, frequentemente estabelecido, entre perguntas e respostas corretas, repensando os vários caminhos possíveis acerca do que está escrito.

Na configuração desse debate, pretendeu-se observar também como o leitor conquistou destaque teórico com a negativa ao princípio segundo o qual a interpretação

¹ Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. Acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri . e-mail.: weliapimentel@hotmail.com

seria capaz de veicular a expressão original do autor ou a expressão literal do texto. A tarefa da interpretação, nessa perspectiva, credencia, contudo, um questionamento que vai além da busca de sentido, quiçá uma relação de compartilhamento entre quem escreveu e quem lê, aceitando, sobretudo, as exigências que o sentido de um texto lido impõe.

Assim sendo, o objetivo central da análise foi a tentativa de aproximar a discussão sobre a figura do leitor através da ficção de Calvino à proposta do sentido de interpretação apresentada por Umberto Eco. O interessante na análise comparativa entre o romance de Calvino e o pensamento de Eco revela-se justamente no fato de que ambos parecem propor uma discussão sobre as questões que envolvem a interpretação do texto literário e as instâncias de autor, texto e leitor, envolvidas nos contextos de produção, circulação e recepção dos textos literários. No entanto, cada um faz isso a sua maneira, problematizando a questão, seja através da materialidade de um texto de ficção, no primeiro caso, seja através da discussão teórica, no segundo.

A obra *Se um viajante numa noite de inverno* (CALVINO, 1979) apresenta características singulares. Ressaltamos que esse foi um livro publicado originalmente em 1979, e no Brasil, foi traduzido por Margarida Salomão em 1982, sendo considerado pela crítica literária como um dos romances contemporâneos mais originais do século XX. Um romance em metalinguagem que, através da exposição e interação constante com o leitor, valoriza a estreita relação do leitor com a obra literária,

A obra, constituída de 12 capítulos, apresenta uma estrutura não-linear, na qual os capítulos são inseridos a partir de estórias que se cruzam, cujos títulos se unem numa espécie de continuidade, dando ao leitor a possibilidade de criar seu próprio percurso de leitura. Seu gênero se enquadra na categoria romance contemporâneo e apresenta uma linguagem de fácil entendimento. Com relação ao tempo utilizado para narrar a estória e marcar a narrativa, o livro não apresenta uma ordem cronológica. Contraditoriamente, o autor coloca em xeque noções de pensamentos retrógrados e tradicionais de romances organizados sistematicamente em início, meio e fim, fazendo do próprio leitor seu “leitor-personagem” que tem como missão ler romances.

No que diz respeito às personagens, temos “o Leitor” – nome do próprio protagonista do romance, o qual entra numa livraria e compra o livro *Se um viajante numa noite de inverno*, a figura da leitora Ludmila e de outras personagens secundárias

ao romance. No que tange à narração, a obra é assumida por um narrador onisciente que conduz o ritmo em que “o Leitor” (protagonista da obra) e o “leitor” (leitor real) entrarão em contato com a obra, alternando momentos de grande tensão com outros de completo relaxamento. Trata-se de uma narrativa em terceira pessoa com a utilização do discurso direto e indireto livre em que a personagem principal, o Leitor, não interage no discurso. A narrativa – *diegesis*² – torna o enredo uma espécie de labirinto, causando certo incômodo pelo fato da descontinuidade das histórias que são distintas e que se interrompem continuamente. O Leitor, que acaba por ficar na perspectiva de um desfecho, é levado para outra história. Tal sentimento de frustração que o autor confere ao Leitor e à Leitora (personagens da obra) passa, do mesmo modo, a ser também uma frustração nossa, do leitor comum.

Num panorama geral, o espaço e o cenário da obra são diversificados e, no entanto, ancoram a narrativa numa impressão realista. A história é iniciada numa livraria, onde o Leitor decide comprar um livro. Após a descoberta de que o livro não tem continuidade, ele retorna à livraria no intuito de trocar o livro defeituoso. A partir daí tem-se uma sucessão de episódios e a inserção de personagens periféricos, como a Leitora Ludmilla. Ambos se conhecem quando se dirigem à livraria para trocar o livro e, a partir daí, os fatos vão se desenrolando com a descoberta recorrente de que cada exemplar substituído apresentava erro de impressão ou autores diferenciados. Intrigadas, as personagens seguem em busca do professor de literatura Uzi-Tuzii que estuda a língua cimé. Uma das grandes revelações do romance se dá quando o Leitor descobre que cada título, com sua respectiva história interrompida, teria por intuito imprimir o espírito narrativo da literatura infantil das *Mil e uma noites* e que, colocados em sequência, formavam a seguinte frase:

² O narrador fala em seu nome ou, pelo menos, não dissimula as marcas de sua presença. O leitor sabe que a história é narrada e mediada pelo narrador.

“Se um viajante numa noite de inverno, distanciando-se de Malbork, debruçado na borda da costa escarpada, sem temer a vertigem e o vento, olha para baixo na espessura das sombras, em uma rede de linhas entrecruzadas sobre o tapete das folhas iluminadas pela lua em torno de uma fossa vazia – Que história aguarda, lá em baixo, seu fim?” (CALVINO, 1979: 139).

Ao término das aventuras e como desfecho da narrativa, tem-se a discussão das personagens sobre o conceito de leitura, em que cada um defende seu ponto de vista, partindo de perspectivas literárias distintas. Logo, a ficção se respalda no ato de refletir sobre a leitura e a escrita e traz, subjacentemente, a análise das teorias literárias propostas pelo embate dos personagens no desfecho do romance.

De forma a proporcionar ao leitor uma perspectiva crítica de análise do modo de se pensar literatura, a obra oferece intrinsecamente a possibilidade de repensarmos o papel do leitor no processo de leitura de distintas maneiras: quando se esquia da perspectiva tradicional de literatura – com início, meio e fim –, e ao proporcionar que o leitor construa a estória da maneira que quiser, sem que o narrador imponha sua estória. Destarte, a forma escolhida pelo autor, conforme já mencionamos, causa certo incômodo por conta das estórias distintas que se interrompem continuamente. Assim, cada capítulo é construído com a figura do autor que intervém todo o momento invadindo a narrativa e convocando o leitor a participar do processo de construção da escrita. Podemos avaliar, na leitura do romance, que um fato de grande relevância deve-se à evidência dada à figura do leitor, através da utilização de recursos gráficos na grafia dos personagens centrais “Leitor e Leitora”. Esses, ao serem grafados com iniciais maiúsculas, são destacados como substantivos próprios, com intento de convidar os leitores a participar do processo de construção do romance e de dar ênfase à sua figura como foco narrativo central da obra em terceira pessoa. Tal constatação é endossada pela passagem na qual o narrador expõe:

“Este livro até agora tomou o grande cuidado de deixar aberto ao Leitor que lê a possibilidade de se identificar com o Leitor que é lido; por essa razão, não deu a este último um nome que automaticamente o teria assimilado a uma Terceira Pessoa”. (CALVINO, 1979: 136).

Essa inserção da figura do leitor em um lugar de destaque confirma a liberdade dada por seu narrador a nós, tendo em vista que, ao afirmar que somos nós leitores que iremos concretizar a existência da obra literária, o narrador nos dá certa credibilidade, o que faz com que não sejamos somente meros leitores perante à obra, como evidenciado na seguinte passagem: “Este bar ou restaurante de estação, como se quiser chamá-lo...”. (CALVINO, 1979:17) ou ainda como observamos no trecho inicial do livro: “Você vai começar o novo romance de Ítalo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. Pare. Concentre-se. Afaste qualquer outro pensamento. Deixe o mundo que o cerca se esfumar no vago...” (CALVINO, 1979: 09-10).

Podemos apreender, a partir da citação última, e em geral, da forma de escrita utilizada por Calvino no decorrer do livro, que o autor convida, em várias passagens, o leitor a fazer parte da obra, fazendo com que não assumamos uma posição passiva de mero espectador perante o desenrolar dos acontecimentos. Para o autor, portanto, sem o leitor, a literatura não se realiza, se torna inócua, não legitimada. Calvino aloca a figura do autor, transportando-a ao plano secundário, ao inserir o triângulo “autor, leitor e texto” na obra *Se um viajante numa noite de inverno*, propondo um jogo que possibilita infinitas interpretações. Isso é perceptível a partir do momento em que o narrador, propositadamente, interrompe todas as dez estórias de cada capítulo do romance, deixando-as inacabadas. Esse processo produz, além de um sentimento inicial de frustração, a sensação de que a interpretação dos próximos fatos da estória serão de responsabilidade do leitor.

Umberto Eco, autor de *Interpretação e Superinterpretação* (2001), é um dos autores mais representativos no âmbito de análise da interpretação do texto literário. O autor, que já em seu livro *Obra Aberta* (1962) defendia o papel ativo do intérprete na

leitura dos textos, dá continuidade às suas teorizações sobre a questão da interpretação, apontando, no entanto, para o fato de que, no decorrer do tempo, os direitos dos intérpretes foram exagerados, permitindo, em certos momentos, aquilo o que chamou de uma “superinterpretação” dos textos literários. Seria importante, portanto, certo rigor ao processo interpretativo, no sentido de se estipular alguns critérios em defesa de interpretações possíveis. O crítico italiano pondera ainda que cada um é livre para fazer o uso que quiser de um texto ou então atribuir-lhe infinitas interpretações. Nesse sentido, assim como Ítalo Calvino, Eco (2001) coloca em evidência o leitor, de forma a valorizá-lo como categoria de interpretação e de enriquecimento da obra. Eco (2001: 75) afirma: “A intenção do texto não é revelada pela superfície textual. Ou, se for revelada, ela o é apenas no sentido de carta roubada. É preciso querer ‘vê-la’”. (ECO, 2001: 75). Nesse trecho, é possível perceber a evidência dada por Eco à importância do leitor como instância interpretativa. Ou seja, o sentido não somente é dado pelo texto, mas surge a partir da interação entre leitor e obra literária. O leitor ativo possibilita interpretações ao texto, que, no entanto, somente serão viáveis se o texto as permitir. Cabe ao leitor ir além do que Eco (2001) denomina de “superfície textual” e adentrar num universo de possíveis significações.

1 O autor na cena literária

Roland Barthes em seu texto *A morte do autor* (2004) faz o seguinte questionamento: quem fala assim? (o autor faz referência a uma citação de Balzac em sua novela *Sarrasine*). Seria o autor? O narrador? O indivíduo Balzac? Com esse questionamento, Barthes afirma que a escrita é neutra, básica, afastada da linguagem literária e se fundamenta em textos anteriores: “A escrita é a destruição de toda a voz, de toda a origem” (BARTHES, 2004:75). Nessa perspectiva o conceito de autor, contraditoriamente, entendido como aquele a quem se atribui uma obra, perde seu espaço de responsável pelo que é contado e passa a ser um mediador da escrita com o texto.

Na visão de Barthes, não existe um autor fora, ou antes, da linguagem. O autor passa a ser somente um reproduzidor de algo anterior, nunca será original. Através de hipertextos e da crítica literária, o entendimento da tríade – autor, leitor e obra – passa

por uma nova acepção. No que se refere ao texto, Eco (2001) parte do seguinte princípio:

“Um texto é um dispositivo concebido para produzir seu leitor-modelo, que é aquele capaz de cooperar para a atualização textual através da interação com o texto de forma consciente e ativa durante o processo da leitura, movendo o texto de modo a construí-lo” (ECO, 2001: 96).

Contudo, Eco assevera que:

“Temos de respeitar o texto, não o autor enquanto determinada pessoa, e, sobretudo, a leitura deve levar em conta a intenção do autor, a intenção da obra e a intenção do leitor, sendo que esta relação de modo algum poderia se resolver numa relação de pares...” (ECO, 2001: 29).

A fim de checar a intenção do texto, o método proposto por Eco é o de verificar se a interpretação está de acordo e se é coerente com o texto. Segundo o autor, a interpretação só é validada se for sustentada pelo texto, sendo que o texto, por si só, não é verdadeiro nem falso. Obviamente que, para que existam *INTERPRETAÇÕES CONCEBÍVEIS AO TEXTO*, ele deverá dispor de todos os requisitos essenciais para tal. Isso porque seu sentido passa a decorrer do empenho do leitor e não mais da decisão de um autor, o que significa, conforme explicita Eco (2001), que o sentido emerge do texto, está oculto nele, cabendo ao leitor ser competente em sua interpretação. Há, portanto uma interdependência de sentido entre o ato de interpretar, o ato de escrever, a materialidade da escrita e a intencionalidade do autor do texto.

Numa outra perspectiva, Barthes (2004) considera que o ato de escrever é que faz o autor: “O autor nunca é nada mais para além daquele que escreve, ‘tal’ como eu não é senão aquele que diz eu: a linguagem conhece um sujeito, não uma pessoa e, esse sujeito, vazio fora da própria enunciação que o define.” (BARTHES, 2001: 56). Para Barthes, o autor é concebido como o passado de seu próprio livro, e o texto se constitui num espaço de múltiplas dimensões, no qual se casam e se contestam escritas variadas,

culturas variadas, um lugar de multiplicidade. Nesse sentido, o hipertexto vai ao encontro do posicionamento de Barthes, dando uma nova perspectiva ao produtor do texto “libertando a escrita da tirania do autor” e abrindo, assim, espaço para o leitor. Portanto, a função do hipertexto utilizado na obra de Calvino é a de conferir autonomia ao leitor, o qual, ao criar seu próprio trajeto, constrói significados de modo independente e autônomo. Nas palavras da personagem da Leitora, do romance de Ítalo Calvino, temos a seguinte afirmação: “Só existe uma pessoa que poderia nos dizer a verdade: o autor” (CALVINO, 1979:152). No que tange a essa afirmativa, Barthes (2004) defende a ideia da inexistência do autor anterior ou fora da linguagem, sendo ele entendido como um sujeito social, ou seja, um produto do ato de escrever, assumindo o mero papel de mesclar a escrita já existente (2004). Destarte, nesse processo de construção permanente, a textualidade é estabelecida através da contribuição de diversos textos que interagem, inviabilizando assim, uma única interpretação.

No posfácio do livro, ao falar do romance *Se um Viajante numa noite de Inverno*, Ítalo Calvino confirma essa posição ativa do leitor, na medida em que o narrador perde a supremacia: a voz do narrador igualmente está à procura de algo, ele se torna um ser que se problematiza e permite a ascensão da voz do leitor. Há, portanto, uma distribuição na responsabilidade do olhar. A estruturação da obra fornece espaço para o leitor, para as suas experiências, oferece oportunidade para que ele construa um sentido e sugere que, a literatura pode, ao permitir a experimentação do diferente, o tornar-se consciente, ativo perante a obra.

2 Interpretação e Superinterpretação em Umberto Eco

Ao analisarmos a tríade “autor, leitor e obra”, partimos do pressuposto do que seria a pluralidade de sentidos de uma obra literária, em síntese a natureza da semiose³. Desvendar o papel do leitor no processo de significação, tendo por foco os limites que podem ser dados ao sentido do texto, correlacionando-o à intencionalidade do autor, é algo complexo e passível de diversas críticas (literárias, inclusive).

Umberto Eco em sua obra “Interpretação e Superinterpretação” (2001) inicia o processo de discussão acerca da interpretação com o seguinte questionamento: “Será

³ Termo introduzido por Charles Sanders Peirce para designar a produção de significados. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~cos/cepe/semiotica/semiotica.htm>. Acesso em: 22/08/2013.

que ainda podemos nos preocupar com o autor empírico de um texto?” Essa indagação nos faz suscitar questões curiosas na perspectiva de análise do que seria o processo de leitura de um texto. O autor expõe:

“Quando um texto é produzido não para um único destinatário, mas para uma comunidade de leitores, o/a autor/a sabe que será interpretado não segundo suas intenções, mas de acordo com uma complexa estratégia de interações que também envolve os leitores”(ECO, 2001: 80).

Cabe ressaltar que o autor abandona a ideia de uma linguagem lógica, única e calculável e admite a vagueza do sentido. Ou seja, na concepção de Eco (2001), as propostas de leitura abrem trilhas para percorrer distintos caminhos. Desse modo o autor evidencia a importância do papel do leitor. Para Eco, o leitor exerce um papel predominantemente ativo na produção dos significados. Na visão do autor, na medida em que a intenção do autor é colocada à margem do processo de interpretação, é responsabilidade do leitor a produção do significado do texto. No entanto, não se pode deixar de levar em consideração que o processo de interpretação do texto pelo leitor se dá através de múltiplas dimensões, tais como a temporal e a espacial.

Utilizando-se da perspectiva da semiótica, Eco (2001) responde à questão acima, aprofundando a diferença entre “interpretar” e “usar”. “Interpretar”, segundo o autor, é dialogar com o texto, captar o que ele diz, mas também preencher os seus vazios e se posicionar criticamente perante às ideias; já “usar” é desconsiderar as intenções do texto e, de certa forma, partir para uma livre-associação de ideias, ao “gosto” do leitor. Neste caso, ocorre o que ele compreende por superinterpretação (2001). Teoricamente, essa divergência metodológica encerra os extremos do debate que vem sendo reproduzido: o texto diz por si só ou a significação está também no leitor? A posição do pensador italiano é certa:

“[...] a leitura deve se guiar pela intenção do texto, pois “se há algo a ser interpretado, a interpretação deve falar de algo que deve ser encontrado em algum lugar, e de certa forma respeitado; se o texto oculta, interpretá-lo é desvelar a sua estratégia de ocultação.” (ECO, 2001:26).

Desse modo, a sua segunda conferência, pronunciada no livro *Interpretação e Superinterpretação: Superinterpretando Textos* (ECO, 2001) busca desmontar tais teorias, confirmando que elas se edificam sobre “uma lógica da similaridade excessiva”, advinda do hermetismo arcaico. Tal lógica, que arbitrariamente vê similaridade em tudo, serve também como base para uma interpretação demasiadamente permissiva, na qual o leitor pode desconsiderar a mensagem e o contexto do texto, vinculando-o a qualquer ideia. Na última palestra, *Entre Autor e Texto*, o semiólogo firma a intenção do texto como critério de validação do ato interpretativo. Advoga ele que, se um texto possui uma coerência e um contexto é sinal de que a linguagem ali não está dispersa, ela foi organizada segundo uma estratégia e uma intenção, como afirmado anteriormente: “um texto pode significar muitas coisas, mas há sentidos que seria despropositado sugerir” (ECO, 2001:50).

Diante disso, a interpretação não pode se alienar do texto, do contrário haverá superinterpretação. Proeminente nesse embate que se trava entre interpretar e superinterpretar, podemos afirmar que analisar essa questão, além de proporcionar ao leitor uma visão crítica sobre diversas teorias da interpretação, revela o esmero com que a semiótica de Eco busca precisar conceitos ao tratar de temas polêmicos e complexos a respeito da linguagem.

3 Se um viajante numa noite de inverno posta em diálogo

A partir do romance *Se um viajante numa noite de inverno*, ressaltamos a tentativa de Calvino de aprofundar uma análise do modo de ler e escrever, de pensar a escrita, a literatura, as imposições político-ideológicas da língua e até mesmo o papel do leitor, que sai de seu lugar passível e busca de desvendar o texto, ganhando espaço.

A partir da década de 1960, no campo da Teoria da Literatura, a figura do leitor ganha força: a concepção existente na época, de que o texto literário só faria sentido se a intencionalidade do autor fosse alcançada, a partir de um estudo mais aprofundado da biografia de seu autor, não se faz mais vigente. Calvino, através da obra em foco, rompe com esse paradigma, criando uma aproximação do leitor real, dando-nos a sensação de fazermos parte de sua narrativa. O artifício trazido pelo narrador é de liberdade e, ao mesmo tempo, de controle da narrativa. O leitor, que antes tinha o papel passivo perante o texto, passa a se tornar ativo. Embora diversos autores já tenham analisado e destacado a importância do leitor, o modo utilizado por Calvino é distinto. O fato de o livro trazer pontos teóricos a serem discutidos gerou a possibilidade de a obra ser vista, sobretudo, como uma discussão das teorias literárias, aproximando-se especialmente das teorias contemporâneas. Nesse paradigma, são inseridas Umberto Eco, na medida em que o autor construiu um arcabouço conceitual cujo objetivo é explicitar ou desenvolver questionamentos e possíveis diálogos sobre a oscilação ou o deslocamento do significado. A semiótica peirciana é a fonte utilizada por Eco (2001) para a compreensão dos processos de cooperação interpretativa que é abalizado na busca por analogias e similitudes.

O eixo das ideias de Eco (2001) sobre o papel do leitor fundamenta-se na compreensão de que o segredo de um texto é o seu vazio. Eco defende, portanto, a existência de critérios que estabeleçam os limites da interpretação. Sua posição é a de que uma mensagem não pode significar “qualquer coisa”, apesar de poder significar “muitas coisas”. Isso significa que, para o autor, há sentidos que seriam despropositados sugerir. Se há algo a ser interpretado, tal interpretação refere-se a alguma coisa a ser encontrada, e, de certa forma, respeitada.

No modo de pensar de Eco, os textos são dirigidos a um determinado público e têm um determinado propósito. Segundo o autor, suas palavras deveriam ser entendidas como alusão, segredo, alegoria, e sua verdade encontrada para além dos sentidos das palavras. O modelo de interpretação proposto por Eco, embora reconheça haver certa abertura no texto, aproxima-se sobremaneira dessa lógica, na medida em que admite que o leitor buscará preenchê-la a partir de seu conhecimento de mundo e de sua vivência, levantando hipóteses razoáveis e coerentes. Consequentemente, o ato de ler deve

considerar todos esses elementos, embora seja improvável que um leitor sozinho possa dominar todos eles ou, ao menos, ter consciência de todo o processo.

Eco assume que “a obra é uma mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significante”. (ECO, 1976: 22) A partir do exposto, tem-se que o texto literário se constitui num espaço de múltiplas dimensões, que não apresenta um significado teológico, o que a partir de uma concepção barthiana seria a mensagem do Autor-Deus, o texto como: “um tecido de citações que resulta de milhares de fontes de cultura” (BARTHES, 1988: 68-69). Complementa ainda que:

“A unidade de um texto não está em sua origem, mas em seu destino; porém este destino não poderia mais ser pessoal”: “o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é aquele que mantém juntos em um único espaço todos os caminhos de que um texto se constitui.” (BARTHES, 1988:70).

De forma crítica e bem humorada, Calvino finaliza sua obra apresentando uma nova perspectiva em relação aos romances tradicionais. O questionamento da ideia de que toda leitura deve ter um princípio e um fim nos leva a visualizar no romance uma perspectiva inovadora. Assim sendo, diante do exposto, seguimos considerando o sentido da leitura como processo de interação, na qual o leitor assume o papel de co-criador da obra. A liberdade do leitor é maior ou menor, dependendo do modo como a leitura é compreendida. Tanto em Eco quanto em Calvino é possível pressupor a existência de um leitor que traz para o texto seu conhecimento textual e contextual. Dessa forma, os sentidos serão construídos no momento em que se dá o encontro vital entre texto e leitor.

Considerações Finais

Acreditamos que esse estudo ofereça uma reflexão, apoiada na análise sobre a obra de Calvino e a partir do posicionamento assumido por Umberto Eco, no que tange à interpretação, sugerindo um “repensar” do entendimento do texto literário, que, como

explicitado, depende em especial da capacidade e do repertório cultural do leitor. É preciso ir além do aparente. O texto, então, seria reflexo de todo o conjunto do imaginário social. Por outro lado, temos também, numa outra perspectiva, o texto conectado à visão de mundo do autor, o qual também está interagindo como sujeito nesse processo. Constatamos ainda que, apesar do caráter multifacetado, o texto literário também pode impor limites ao processo de interpretação e que é na figura do leitor que encontramos um importante agente na significação da obra, numa relação de perfeita simbiose – na qual se entrecruzam autor, leitor e obra num infundável jogo dialético.

Vimos exposta também a originalidade do artifício metalinguístico utilizado por Calvino: o livro como tema de outro livro. Além disso, a obra aproxima o autor de seu leitor, permitindo que o autor se lance na trama narrativa de sua obra, para questioná-la, de forma ficcional, o que possibilita que este se veja a partir do olhar do outro, do leitor.

Outro aspecto recorrente é a relação das personagens “Leitor” e “Leitora” com o livro. O contato com o livro e a sensação de fascínio advindo desse contato são narrados por Calvino, quando, diante da Livraria, as personagens vão em busca do possível exemplar que apresentasse sua estória acabada.

Por fim, ressaltamos que, na exposição dos contrapontos e argumentos dos autores citados, podemos apreender que esse processo entre ler e escrever leva-nos a repensar a leitura a partir de um jogo, haja vista que nem o escritor, nem o leitor, sozinho, atribui sentido à obra, dado o caráter de sentido que a obra requer. Cada texto traz consigo sua significação, estando essa associada tanto ao conhecimento linguístico como ao conhecimento de mundo do leitor. As obras podem apresentar suas intencionalidades a partir da perspectiva do autor, no entanto é muito menos subjetiva a este do que ao leitor. Da parte do escritor, havendo ou não a preocupação com a objetividade daquilo que pretende informar, deve este se apropriar de elementos de coerência e de recursos gráficos que nos proporcionem melhor entendimento do texto, já que seu sentido não está somente na soma de significados das palavras que o compõe. Durante a leitura de uma mensagem escrita, o leitor deve inferir de forma contínua. Ler é muito mais do que o ato de decodificar palavras. Determinar o entendimento de uma obra a partir da intencionalidade somente do autor é deixar de levar em consideração diversos fatores sócio-culturais, valores, ideologias, experiências de vida, crenças, conhecimentos linguísticos e conhecimentos interacionais, tanto do autor como do leitor

– fatores que são particulares e que nos proporcionam a liberdade interpretativa que cada texto traz consigo.

Referências

BAKHTIN, M.. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

_____. **A morte do autor**. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CALVINO, I. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das letras,

1979.

CAMPOS, H. de. **Metalinguagem e outras metas**. 4. ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1992.

CHALHUB, S.. **A metalinguagem**. 4. ed. São Paulo. Série Princípios. Editora Ática, 2002.

CULLER, J. In: ECO, U. Em defesa da superinterpretação. In: **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

_____. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Revis. Celso Lafer e Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1976.

MENEGHELLO, H. C. A tradução no romance *Se um viajante numa noite de inverno*. Aspectos da tradução na metalinguagem de Calvino. In: **In-Tradução**, Florianópolis, n.5, p. 155-166, 2011.

REUTER, Y. **Introdução à análise do romance**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROCHA, J. R. **Limites do sentido**: Hermenêutica Literária e o papel do leitor na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SANTOS, G. T. dos. *O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação*. In: **Kaliópe**, São Paulo, 2007.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo. Editora Perspectiva, 1979.

WAITZ, Inês Regina. A essência do romanesco – A materialização textual da teoria literária na obra *Se um viajante numa noite de inverno*, de Ítalo Calvino. In: **Revista de Educação**, Valinhos (São Paulo), n. 8, p. 129-138, 2005.